

UNIFAAT
PSICOLOGIA

ROBERTA NOVAES FONTES

**O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM OLHAR
PSICANALÍTICO RECONSTRUINDO A RELAÇÃO**

Atibaia-SP

2018

UNIFAAT
PSICOLOGIA

ROBERTA NOVAES FONTES

**O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM OLHAR
PSICANALÍTICO RECONSTRUINDO A RELAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia da UNIFAAT, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Antônio Fiamenghi Júnior.

Atibaia-SP

2018

Fontes, Roberta Novaes

N818b O brincar e o desenvolvimento infantil: um olhar psicanalítico
reconstruindo a relação. / Roberta Novaes Fontes, - 2018.
22 f.; 30 cm.

Orientação: Geraldo Antônio Fiamenghi Junior

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Unifaat,
como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da
Unifaat, 2018.

1. Brincar 2. Brincadeira 3. Psicanálise 4. Desenvolvimento I. Fontes,
Roberta Novaes II. Fiamenghi Junior, Geraldo Antônio III. Título

CDD 150.195

ROBERTA NOVAES FONTES

**O BRINCAR O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM OLHAR
PSICANALÍTICO RECONSTRUÍDO A RELAÇÃO**

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Psicologia, avaliado pelo professor orientador responsável, Geraldo A. Fiamenghi Júnior, que após sua análise, considerou o trabalho aprovado, com conceito 10,0 (dez).

Atibaia, 09 de novembro 2018.



Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Júnior

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente a Deus, que, com sua infinita bondade e misericórdia me deu forças para enfrentar as lutas e não desistir;
- A minha mãe Josenilda, que me apoiou financeiramente e emocionalmente ao longo dessa jornada;
- Ao meu pai Roberto que complementou essa tarefa e mostrou-se disposto a ajudar no que fosse preciso;
- A minha irmã Isabelly, meu esposo Gean e seus familiares que me ajudaram, dedicando seu tempo para cuidar do nosso filho enquanto estava cursando psicologia.
- Agradeço ao meu filho Lorenzo por ser a maior inspiração na escolha do tema do TCC e por tornar os meus dias esperançosos e cheios de graça.
- Ao meu orientador e supervisor Geraldo Fiamenghi pela paciência, ética e cuidado;
- A Ariane Andrade (colega da turma passada, a quem eu devo todos os agradecimentos possíveis, pelo fato de estar presente em todos os momentos dessa caminhada, inclusive os mais difíceis, nos quais tive que lutar com as forças que não imaginaria ter).
- Aos meus avós, em especial, Vó Finha (in memória) que vibrava pela minha felicidade e na realização dos meus sonhos.
- Eu mesma, que senti na pele todos os sentimentos que puderem imaginar para tornar esse sonho uma realidade.

“Um dia, quando olhares para trás, verás que
os dias mais belos foram aqueles em que
lutaste”

Sigmund Freud

FONTES, R.N. **O brincar e o desenvolvimento infantil: um olhar psicanalítico reconstruindo a relação.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018.

RESUMO

Este trabalho visou explicar a relação do brincar com o desenvolvimento infantil, momento em que a criança está cercada de atividades que proporcionam o crescimento das suas potencialidades, ações e descobertas que formarão a base na construção do ser social e na sua identidade única, pessoal e intransferível. O presente estudo indicou, também, que o brincar é uma das atividades que mais contribuem para o desenvolvimento saudável da criança, bem como o respeito pelas regras e normas intituladas pela sociedade, além de revelar uma visão repleta de significações e desejos inconscientes, permitindo o acesso ao seu mundo interno.

Palavras-chave: brincar, desenvolvimento infantil, brincadeira, psicanálise.

FONTES, R.N. **Playing and child development: A Psychoanalytic view reconstructing the relation.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018.

ABSTRACT

This study aimed to explain the relation of playing with child development, a moment where the child is surrounded by activities that allow the growing of his/her potentialities, actions and discoveries that will form the foundation for construction of a social being with a personal, unique and inalienable identity. The study indicate that playing is one of the most contributing activities to a healthy development of the child, as well as the respect for social rules and norms, besides revealing a vision full of meanings and unconscious desires, allowing the access to his/her internal world.

Keywords: play, child development, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1. INTRODUÇÃO	10
1.1. O brincar na infância.....	11
1.2. Desenvolvimento infantil.....	14
2. OBJETIVOS	17
2.1. Objetivo geral.....	17
2.2. Objetivos específicos.....	17
3. MÉTODOS	18
4. DISCUSSÃO	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar a maneira pela qual o brincar lúdico influencia o desenvolvimento afetivo na infância, momento este em que a criança está cercada por vivências e atividades que proporcionam o crescimento das suas potencialidades e ações.

De acordo com Sakamoto (2008), o brincar estimula o desenvolvimento saudável da criança, proporcionando viver a infância com plenitude e, com isso, a criança torna-se um adulto equilibrado, tanto no aspecto físico, quanto afetivo. Através do brincar, a criança expressa sua criatividade e aprende a lidar com conflitos, principalmente quando estão associados à falta de companhia. Na brincadeira, a criança vai construindo e revelando a sua personalidade, sendo cabível que ela seja autor da sua própria fala e atos.

Segundo Winnicott (1971), “a importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais” (p.71), revelando o valor simbólico que o brincar exerce na vida pessoal, demonstrando aspectos éticos e morais.

Toda criança encontra na atividade lúdica o espaço de criação e inovação que caracteriza o seu desenvolvimento. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL, 1998),

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar.” Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe ofereceu o conteúdo a realizar-se. Neste sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhe novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (p. 27)

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), portanto, toda brincadeira, sendo uma imitação que se assemelha a uma realidade vivenciada ou presenciada anteriormente, irá favorecer que a criança, em um momento de lazer, aproprie-se de elementos e atribua novos valores e significados aos estímulos vivenciados.

1.1 O Brincar na Infância

Segundo Vettore e Kishimoto (2001), após o Romantismo, uma nova imagem de criança começou a ser vista, priorizando e valorizando o brincar ao alcance de objetivos pedagógicos. Esse interesse despertou para a figura material do brinquedo, um método de instruções específicas que ensinam o respeito pelas normas e regras vigentes, noção de tempo e espaço, noções de forma/parte-todo, dentre outros.

Existe uma diferença entre o brincar e a brincadeira. A brincadeira é prazerosa, divertida, não tem objetivos externos (é espontânea e voluntária); tem como função principal explorar as fantasias, imitar a realidade, transformar o ambiente e se divertir. O brincar é repleto de significações, nele encontramos uma variedade de regras, prazer ou desprazer, dúvidas, inserção no tempo e espaço, caráter improdutivo, motivação e iniciativa do indivíduo, ou melhor, uma diversidade de representações e manifestações projetivas que condiz com a vivência afetiva da criança e revela seu mundo interno (VECTORE, KISHIMOTO, 2001). Bomtempo (1999) ressalta que é brincando que se aprende e, através do brincar, nosso caráter é posto à prova; a criança representa papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde, acrescentando o desenvolvimento de capacidades físicas, verbais e intelectuais capazes de se comunicar.

Segundo Perosa, Cilene e Liberman (2018), a brincadeira é uma transmissão cultural que ultrapassa geração e prevalece até os dias atuais, promovendo interação entre ambas. O brincar lúdico, relativo a jogo/brinquedo faz parte da cultura social e se integra aos indivíduos de forma peculiar. Constitui-se no presente, possibilitando uma nova concepção de mundo. Faz-se necessário investigar a sua história e a variedade de reflexões que poderão surgir no momento da ludicidade. Os autores ainda ressaltam que pais e professores devem estar informados sobre o valor simbólico que o brincar lúdico tem na infância. Deve-se permitir que a criança obtenha um momento de lazer e conheça seu espaço dentro do brincar, desse modo, fará a apropriação de elementos e atribuirá novos valores e significados aos afetos.

De acordo com Valdívia, Carli, Mota e Lara (2017), na hora do brincar existem aspectos cognitivos e emocionais que vão além do concreto,

possibilitando identificar déficits/dificuldades que demandam o acompanhamento de profissionais.

Segundo Pfeifer, Gonçalves e Lúcio (2009), o brincar é visto como uma das atividades que mais contribuem para a promoção do desenvolvimento intelectual, social e emocional, tornando-se o melhor meio de a criança estabelecer contato com os estímulos que a rodeiam, oferecendo oportunidades de prazer, mistérios, descobertas e potencialidades.

Kishimoto (1998) ressalta que brincar é uma atividade repleta de significados, que necessita de aprendizagem e permite que a criança crie e compreenda a relação com as questões culturais, que se encontram presentes; acrescenta que é brincando que a criança mostra sua criatividade e utiliza sua imaginação. Descreve que, através do brincar, ela aprende a lidar com os conflitos, vivenciando sentimentos presentes no seu dia a dia, construindo a base do ser social. Através dessas informações, pode-se entender que no momento da ludicidade, a criança vai usar sua imaginação e criação para desenvolver e revelar uma visão de mundo simbólica e individual.

Sampaio (2001) descreve que a criança consegue aprender na hora do brincar; aprender sobre o mundo e as coisas que lhe rodeiam, aprender sobre as formas, as partes e o todo, aprender a dominar e controlar o ambiente repleto de conflitos e, posteriormente, amadurecer e progredir. Ainda sinaliza a função terapêutica do brincar, assegurando que independentemente das técnicas, concepções e interpretações feitas, o brincar alivia angústias e ansiedades, transmitindo informações importantes, relacionadas à vivência da criança. Essas informações são únicas e individuais.

Lopes (2005) diz que, ao brincar, a criança está fazendo uso de coisas muito importantes para o seu desenvolvimento afetivo: revelando suas fantasias através da projeção, verbalizando (falando sobre algo), gesticulando (através de movimentos corporais condizentes com o que o brincar quer revelar) e exercendo a capacidade de entender a realidade e lidar com os conflitos que lhe rodeiam. A autora conclui, sinalizando que o brincar não é só fazer, no sentido corporal de movimento; ela indica que brincar é dizer.

Percebe-se que Sampaio (2001) e Lopes (2005) se assemelham quando relacionam o brincar na infância como a arte de querer dizer algo e aprender sobre o que lhe foi apresentado. Para os autores, esse movimento entre a

ludicidade e o simbolismo do brinquedo proporciona conhecimento afetivo e social, promovendo a transformação e transmissão de pensamentos e ideias.

Vygotski (1999) compreende o brincar como a etapa mais importante da vida infantil e contribui com a criação da situação imaginária, ou seja, propicia a interpretação da criança nas situações imaginárias, nas representações e nos símbolos. Posteriormente menciona aspectos importantes relacionados ao brincar, dentre eles o controle das regras e da situação vivenciadas pela criança. Piaget (1994) entende o brincar como forma de adequação ao mundo externo, ativo e agradável ligado ao desenvolvimento intelectual da criança como fator cognitivo.

Vectore e Kishimoto (2001) descrevem que é possível explorar o brincar infantil e compreender o seu desenvolvimento e as representações sociais e culturais que elas desempenham ao seu redor. Para as autoras, o brincar estimula a criança a manter-se equilibrada com relação aos desejos e afetos que poderão surgir no momento da brincadeira ou quando ela se depara com alguma situação conflituosa.

De acordo com Perosa, Cilene e Liberman (2018), a atividade lúdica constitui o presente, permitindo que a criança crie um novo espaço ao qual ela se encaixe e faça parte; acrescenta que, em algum momento ou circunstância, houve a necessidade e oportunidade de brincar. Investigar essas histórias possibilita uma série de reflexões sobre a função que o brincar exerce na vida da criança, principalmente os elementos do que fazer no mundo contemporâneo.

1.2. Desenvolvimento infantil

Dolto (1980), explica que existe uma diferença entre o Id, o Ego e o Superego. No Id, a fonte das pulsões e a força libidinal são fundamentais e têm contato direto com o mundo exterior; o Ego é coerente, lúcido, organizado e permite que o Id se ponha diante da realidade; pode-se dizer que ele é consciente e definido como um conjunto de pensamentos e ideias que revelam seu mundo interno. O Superego estrutura-se a partir das experiências vivenciadas e experimentadas nos primeiros anos, tornando-se incapaz de evoluir por si mesmo depois dos oito anos; “seu papel consiste em favorecer a sublimação” (p. 23). Acrescenta-se que o Id e o Superego são aspectos inconscientes, porém, não significa que eles sejam uma representação sem valor. Quando existe um conflito entre o Id e o Superego, dentro da personalidade do sujeito, surge a angústia secundária. Essa angústia necessita ser libertada para não se tornar um sintoma recalcado.

De acordo com Dolto (1980), somente nos primeiros anos de vida as experiências irão invadir o desenvolvimento da personalidade do sujeito, permitindo que as pulsões se esbarrem do mundo interno para o mundo exterior. O alimento dessas pulsões são as cargas afetivas e emocionais, conhecida como angústia primária, essa angústia se vincula às primeiras experiências e frustrações no meio social, ou seja, no contato com o desejo do outro.

São cinco as fases de desenvolvimento psicossocial: oral, anal, fálica, latência e genital. A fase oral é conhecida como o período de organização da libido que vai desde o nascimento até o desmame, sendo que o seu aspecto principal se vincula à zona erógena bucal (área da boca), necessidade de sucção e prazer autoerótico; nessa fase a criança não consegue distinguir os limites do seu próprio corpo de forma passiva. A criança só entra no período oral ativo com o surgimento da dentição. A sensação de quando nasce um dente traz o sofrimento que necessita ser aliviado, esse alívio tem como consequência as mordidas. Ela morderá tudo o que tiver próximo a boca. Se a genitora iniciar o desmame nesse período, a criança entenderá que aquilo é

uma agressão contra ela, uma espécie de punição causada pela frustração. Nessa fase forma-se o caráter egoísta.

Segundo Dolto (1980), a fase anal corresponde ao segundo ano da infância, para a criança de 1 a 3 anos de idade. Nesse período, ela atingiu um desenvolvimento maior ligado à sucção lúdica da fase oral para a fase anal, provocando a retenção das fezes e urina; a criança descobre o poder que tem ao conquistar a disciplina esfinteriana. Ainda nesse período, Dolto (1980) ressalta que “ela alcançou um desenvolvimento neuromuscular muito satisfatório, que cria nela a necessidade de livre disposição dos seus grupos musculares agonistas e antagonistas que possibilita imitar um adulto” (p. 35). A autora quis dizer que na fase anal a criança tem a capacidade de se locomover com mais facilidade e agilidade, expressando sua agressividade com relação aos objetos. Os componentes que revelam o sadismo nessa fase explicam as perversões nos adultos, posteriormente. Devido à percepção dos pares antagônicos, o pensamento da criança nesse período se fundamenta na identificação e na projeção (ela direciona ao outro ou ao objeto o que está nela). Acrescenta que começam a surgir curiosidades sexuais, como por exemplo, ‘de onde vem os bebês’.

Dolto (1980) ressalta que a fase fálica vem com a demanda de permitir que a criança se conheça e compreenda o outro na sua totalidade; também ocorrem os porquês e o para que serve determinada coisa. O desejo nessa fase dará lugar à ambição e através dela o sujeito manifestará interesse em aprender, valorizar e conhecer coisas novas. Outra descoberta é a morte. “Matar é imobilizar” (p. 44). Ainda na fase fálica, a menina brinca com sua boneca (dá banho, veste a roupa, dá comida, coloca para dormir, etc), mexe na maquiagem da mãe, veste suas roupas e até usa seu sapato de salto; em resumo, identifica-se com a figura feminina da mãe, imitando suas características físicas sem excluir a figura do pai. Nesse mesmo período, o menino brinca com jogos agressivos, como armas, fuzis, gosta de causar medo e quer ter o controle da situação. Dolto (1980) acrescenta que, quando pode, utiliza o chapéu do pai ou a bengala (se possível). Por volta dos 4 anos de idade o menino entra em luta afetiva com o pai (conhecido como o complexo de Édipo) e deseja a mãe. A menina vive um período repleto de analogias; por

volta dos três anos e meio ela começa a se portar de maneira afetuosa e amorosa com o pai;

Na fase de latência, Dolto (1980) revela que as manifestações e curiosidades sexuais são utilizadas para adquirir conhecimentos favoráveis à luta pela vida. O complexo de Édipo será progressivo e o mito do incesto se tornará imaginário, ou melhor, a sexualidade infantil será sublimada e reprimida para que novas funções sejam exercidas, como o interesse por jogos, amizades e brincadeiras diversas.

Dolto (1980) diz que a fase genital se caracteriza pelo pensamento racional, total, objetivo e consciente; há a separação emocional dos próprios pais e uma vida mais independente, com foco nas suas próprias escolhas (início da adolescência).

Já Winnicott (1975) descreve que, para que a criança desenvolva-se psicologicamente de maneira saudável, o ambiente deverá ser facilitador e atender às suas necessidades, ou seja, permitir que a criança experimente situações e brincadeiras e a partir daí, assimilar com a realidade vivenciada e compreender o mundo ao seu redor, favorecendo o desenvolvimento afetivo e uma nova maneira de ver o mundo.

Winnicott (1975) acrescenta que a criança se desenvolve afetivamente de acordo com o que lhe é apresentado, seja através das brincadeiras ou até mesmo de ações e comportamentos, e assim segue em direção à vida adulta. Nesse caminho o brincar lúdico e espontâneo se fazem presentes, tornando um papel fundamental na construção da identidade pessoal e profissional. Segundo Sakamoto (2008) um ambiente facilitador, assegura o processo de continuidade do desenvolvimento pessoal do indivíduo, podendo nutrir as necessidades inserindo o sujeito na realidade.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Pretende-se investigar a relação que o brincar exerce na vida da criança.

2.2 Objetivos específicos

- Discutir como a atividade lúdica afeta o processo de desenvolvimento afetivo da criança.
- Discutir elementos pedagógicos e psicológicos do brincar no desenvolvimento da criança.
- Propor uma leitura psicanalítica das questões envolvidas no brincar na infância.

3. MÉTODO

Essa pesquisa trata de uma revisão da literatura sobre o lazer e o brincar; estes temas serão analisados a partir de uma abordagem psicanalítica.

Foi realizado um levantamento de artigos, por meio do Google Acadêmico, utilizando-se palavras chaves, como por exemplo, brincar, jogos, brincadeira, desenvolvimento e personalidade. Esses artigos permitiram a elaboração dos capítulos teóricos.

4. DISCUSSÃO

A discussão deste trabalho visa apresentar os benefícios do brincar no processo de desenvolvimento infantil.

Foi percebido que em cada fase do desenvolvimento infantil, o brincar (voluntário, ou não) tem a função de ensinar. Segundo Dolto (1980), uma característica da fase oral vincula-se à zona erógena bucal: a criança sente a necessidade de introjetar brinquedos/objetos dentro da boca e essa ação permite que ela comece a perceber os limites do seu próprio corpo. Vectore e Kishimoto (2001) completam essa afirmação definindo que o brincar estimula a criança a manter-se equilibrada. Na fase anal, ela tem mais flexibilidade e agilidade, podendo expressar sua agressividade na maneira como utiliza o brinquedo, ou faz uso do brincar; ocorre uma projeção: a criança revela seu mundo interno ao mesmo tempo em que executa a atividade motora no manuseio do brinquedo. A autora acrescenta que, na fase fálica, a menina brinca com a boneca e se identifica com a figura materna, sem excluir o pai (brinca com os objetos da mãe, tais como: maquiagem, sapatos de salto, usa seus vestidos, dentre outros); acrescenta-se que ela brinca de ser a mãe para receber o afeto do pai e ocupar o lugar da mãe (de forma inconsciente). Já o menino identifica-se com a figura paterna; brinca com jogos agressivos, com carrinhos, armas, bola, dentre outros. Chega a utilizar o chapéu ou o sapato do pai e tem desejo de controlar a situação. Por meio do brincar, o menino expressa sua angústia e o medo da castração; entra em conflito com o pai e deseja a mãe.

Dolto (1980) acrescenta que, na fase de latência, a criança sublima a sexualidade, para que novas funções ocupem aquele espaço. Ainda nessa fase, o interesse por novas brincadeiras e amizades são privilegiadas. Perosa, Cilene e Liberman (2018) relatam que a atividade lúdica constitui o presente e possibilita que ela se encaixe no espaço desejado. Acrescentam que em determinado momento houve a necessidade de brincar e que essas histórias nos remetem a uma série de reflexões (por esse motivo a sexualidade abre espaço para novas descobertas).

Segundo Sakamoto (2008), um ambiente facilitador assegura o processo de continuidade do desenvolvimento pessoal do indivíduo, podendo nutrir as necessidades, inserindo o sujeito na realidade. O RCNEI (BRASIL, 1998) afirma que a brincadeira é responsável por explorar as fantasias, imitar a realidade, transformar o ambiente e se divertir. O brincar ensina o respeito pelas normas sociais, noção de tempo e espaço, noção de forma (parte/todo), caráter improdutivo, iniciativa, dentre outros. Sendo assim, quando uma criança é impossibilitada de brincar, sua infância é limitada e seu desenvolvimento infantil pode ter comprometimento e empobrecimento cognitivo.

Bomtempo (1999) e Perosa, Cilene e Liberman (2018) ressaltam que o brincar exerce uma função ligada ao desenvolvimento da criança, que é imitar o adulto e aprender através dos estímulos ao seu redor. Segundo Vectore e Kishimoto (2001), o brincar tem a função de imitar a realidade vivenciada, além de contribuir para o desenvolvimento infantil de forma saudável, pois, é brincando que as funções cognitivas e emocionais da criança vão sendo construídas e estabelecidas. De acordo com Lopes (2006),

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória e imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (p. 110).

A autora revela os benefícios que o brincar traz para o bom funcionamento ligado ao desenvolvimento infantil e resalta que essa característica é fundamental para o convívio social.

Sakamoto (2008) resalta a importância do brincar para o desenvolvimento saudável da criança, estimulando-a tanto no aspecto físico (ligado aos movimentos corporais), quanto afetivo (relacionado ao mundo interno). Ainda, acrescenta que, ao brincar, ela expressa sua criatividade (tanto de criação quanto de imitação), revelando e construindo sua personalidade, parcialmente. A autora descreve que, mesmo que a brincadeira seja uma característica da infância, tem o objetivo de preparar a criança para a

construção do ser social e resgate da identidade pessoal. Sakamoto (2008) sinaliza que durante o desenvolvimento infantil, a criança explora o mundo através do brincar; essas experiências formarão a base para a vida adulta, quando o indivíduo possa definir padrões saudáveis (psiquicamente) e contribuir para uma sociedade melhor. A autora indica que é na infância que o indivíduo explora, experimenta e imagina os limites do corpo ligados ao desenvolvimento e que é brincando que essa característica é posta à prova.

Bomtempo (1999) diz que o jogo ou brinquedo são fatores de comunicação mais amplos do que a própria linguagem, favorecendo a discussão entre culturas diversas e a aprendizagem de coisas novas. Acrescenta que o jogo deve estimular o interesse dos participantes, introduzindo elementos agradáveis, difíceis, complexos e inesperados, aproveitando a curiosidade e entusiasmo para se chegar ao resultado desejado e salienta que essa atividade permite que a criança se desenvolva, brincando. Segundo Vectore e Kishimoto (2001), é possível observar o quanto o brincar infantil pode explicar o desenvolvimento humano, bem como sua representação social e seu lugar no mundo. As autoras descrevem a importância do brincar na infância, no sentido de expressar a criatividade e aprender sobre os valores sociais; quanto ao desenvolvimento, se vincula à condição humana de crescer/evoluir de maneira saudável, fazendo uso do brinquedo/brincadeira para revelar seus anseios e desejos (mundo interno).

Dolto (1980) ressalta que nos primeiros anos de vida as experiências inundam o desenvolvimento/construção da personalidade da criança, essas experiências são pulsões afetivas e emocionais que se entrelaçam no contato com o desejo do outro. Essas experiências tem ligação com o brincar, pois na brincadeira o caráter é posto à prova, favorecendo a comunicação (BOMTEMPO, 1999). Vectore e Kishimoto (2001) complementam essa afirmação indicando que é possível compreender o desenvolvimento infantil e representações sociais através da ludicidade, ou melhor, do brincar lúdico e particular de cada um.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo indicou que o brincar é uma das atividades que mais contribuem para o desenvolvimento saudável da criança pelo fato de ser espontânea; essa característica permite que ela aprenda sobre as coisas e as pessoas, bem como o respeito pelas regras e normas intituladas pela sociedade, além de revelar uma visão repleta de significações e desejos inconscientes, permitindo o acesso ao seu mundo interno. Acrescenta-se que sua função se vincula ao potencial criativo que ela apresenta, permitindo que a criança vivencie prazer ou desprazer, crucial para o desenvolvimento infantil.

Ainda, considerou que o brincar é responsável pelo desenvolvimento da criança, seja ele, emocional, intelectual ou social e que, através da brincadeira a personalidade vai sendo construída, parcialmente. Enquanto brinca, a criança apreende informações e vivencia experiências que lhe darão suporte, posteriormente e servirão como um respaldo ao executar determinadas tarefas. Acrescenta-se que, em cada fase ligada ao desenvolvimento infantil, o brincar tem o dever de ensinar e prepara-la para a construção do ser social e no resgate da sua identidade única, pessoal e intransferível. Vale ressaltar que essas experiências formarão a base para a vida adulta.

Podemos descrever que, tanto o brincar quanto o brinquedo são fatores responsáveis pela comunicação. Esta se dá através da expressão, verbal ou não. Quando a criança diz sobre estas coisas, percebe-se que ela está falando de si; projeta no outro ou no objeto questões internas e inconscientes ao qual faz apropriações e dão significados.

Conclui-se que o presente estudo mostrou que a atividade lúdica tem ligação com o desenvolvimento afetivo e que as questões psicológicas e pedagógicas envolvidas contribuem para que esse processo seja contínuo e traga resultados positivos.

REFERÊNCIAS

BOMTEMPO, Edda. Brinquedo e educação: na escola e no lar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 3, n. 1, p. 61-69, 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. MEC/SEF, v. 1, 1998.

DOLTO, Françoise. **Psicanálise e Pediatria**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

JURDI, Andrea Perosa Saigh; SILVA, Carla Cilene Baptista; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 65, p. 603-608, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning Editores, 1998.

LOPES, Katlyn Regina. Psicanálise com crianças: Quando o brincar é dizer. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 14/15/16, p. 140-158, 2005.

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do Corpo e Movimento**. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

LUCISANO, Renata Valdívia; NOVAES, Leticia de Carli; SPOSITO, Amanda Mota; PFEIFER, Luzia Iara. Avaliação do brincar de faz de conta de pré-escolares: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 2, p. 309-322, 2017.

PFEIFER, Luzia Iara; ROMBE, Patrícia Gonçalves; SANTOS, Jair Licio Ferreira. A influência socioeconômica e cultural no brincar de pré-escolares. **Paideia**, v. 19, n. 43, p. 249-255. 2009.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1994.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. O brincar da criança-criatividade e saúde. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 28, n. 2, p. 267-277, 2008.

SAMPAIO, Elaine Araújo; NOVAES, Luzia Helena Vinholes Siqueira. Brincar é também aprender. **Pediatria Moderna**, v. 37, n. 14, p. 138-144, 2001.

VECTORE, Célia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Por trás do imaginário infantil: explorando a brinquedoteca. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 5, n. 2, p. 59-65, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.